



A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO, A PARÁBOLA CHAVE PARA A COMPREENSÃO DO MANDAMENTO DO AMOR AO PRÓXIMO (Lc 10,25-37)

(The parable of the good Samaritan, the key parable to understanding the commandment of love - Lk 10,25-37)

Carlos Camargo*

Mestrando em Teologia da PUC/SP.

RESUMO

O texto parte da parábola do bom samaritano para discorrer sobre a contribuição que uma pessoa pode dar para atenuar o sofrimento de uma outra e, em contrapartida, a violência que significa a indiferença ante a dor alheia. Essa parábola ensina que se deve dar especial atenção às pessoas mais frágeis e menos favorecidas da sociedade e que o próximo é a pessoa que está a seu alcance e que esteja padecendo com sua própria miséria, não importando se é um desconhecido ou mesmo um inimigo. Acrescenta que a mobilização para ajudar envolve sacrifício pessoal, mas quando é motivada por amor, não depende nem gera um desejo de retribuição para si.

Palavras-chave: Bom Samaritano; Amor; Sofrimento; Miséria; Próximo.

ABSTRACT

The text begins from the Good Samaritan parable to discuss the contribution that a person can make to alleviate the suffering of another and, on the other hand, the violence that means indifference to the pain of others. This parable teaches that one should give special attention to the most vulnerable and disadvantaged in society and the next is the person who is at your fingertips and is suffering with his own misery, no matter if it is a stranger or an enemy. It adds that the mobilization to help involves personal sacrifice, but when it is motivated by love, depends neither generates a desire a retribution for you.

Keywords: Good Samaritan; Love; Suffering; Misery; Neighbor.



INTRODUÇÃO

O título deste texto foi tirado da carta encíclica *Veritatis Splendor*, escrita em 1993 por João Paulo II¹, para tratar sobre algumas questões fundamentais do ensino moral da Igreja. E anteriormente, em sua carta encíclica *Dives in Misericórdia*, de 1980, João Paulo II já afirmara que “na linguagem bíblica, misericórdia é o modo e o âmbito em que se manifesta o amor. É o modo de manifestar a presença de Deus, que é Pai, amor e misericórdia. Jesus faz da misericórdia um dos principais temas da sua pregação”².

A parábola do bom Samaritano (Lc 10,25-37) expõe o ensinamento de Jesus sobre o amor ao próximo e qual deve ser a reação de quem está em condições de acudir quem está sofrendo e precisa de algum socorro.

Nessa parábola, um doutor da Lei, querendo provocar Jesus, perguntou: “*Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna?*” Jesus lhe disse: “*Que está escrito na Lei? Como lês?*” Ele respondeu: “*Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com todo o teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo!*” Com a resposta correta, Jesus lhe disse: “*Faze isso e viverás*”. Ele, porém, querendo justificar-se, disse a Jesus: “*E quem é o meu próximo?*” (Lc 10,25-29). Essa foi a pergunta fundamental que motivou Jesus a contar a parábola do bom samaritano, a “parábola-chave” para a compreensão da universalidade do mandamento do amor ao próximo.

O sentido real da pergunta sobre o próximo era saber qual era, de fato, a abrangência desse preceito, ou seja, quem poderia ser considerado como um próximo, a ponto de obrigar um israelita a prestar-lhe atenção. Poderia se supor que nessa categoria fossem incluídos todos da mesma nação e, com duvidosa condescendência, os gentios que aderiram ao judaísmo³.

A parábola do bom samaritano faz parte de uma série de imagens e narrações tomadas da vida diária, pelas quais Jesus indica o modelo da atenção adequada a se dispensar a todas as necessidades humanas, identificando-se especialmente com os deserdados, pobres, doentes, encarcerados, idosos, famintos, migrantes, desempregados, solitários, pecadores, esquecidos e vítimas de toda a espécie de violência da nossa sociedade



permissiva; enfim, todos aqueles com tal drama interior, que já tinham perdido toda a esperança⁴. Esse homem que sofre é o caminho do próprio Cristo⁵; é especialmente por esses que Ele derramou o seu sangue. A parábola continua atualizada como critério de medida do amor que se inclina para uma pessoa necessitada encontrada «por acaso» (cf. Lc 10,31), seja ela quem for⁶.

É também um testemunho de que o sentido salvífico do sofrimento não o identifica, de forma alguma, com um comportamento de passividade. De fato, é com este amor para com o próximo que o significado salvífico do sofrimento se realiza totalmente e atinge a sua dimensão definitiva, conforme revelação feita por Cristo.⁷

1. PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO (Lc 10,29-37)

A ambientação da parábola ocorre no caminho entre Jerusalém e Jericó, que era abrupto e desértico, propício para emboscadas: Jesus continuou a conversa: *“Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes arrancaram-lhe tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por acaso, um sacerdote estava passando por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e moveu-se de compaixão”* (Lc 10,30-33).

Jesus não temeu colocar como protagonista da sua parábola um samaritano, que era normalmente menosprezado pelos judeus e tratado como herege⁸. Certamente, o doutor da Lei e os outros ouvintes ficaram incomodados ao ouvir que um “infiel samaritano” tenha sido tomado como exemplo de piedade e de retidão na observância do máximo preceito do judaísmo (o amor ao próximo), em detrimento de um sacerdote ou um levita. De fato, “os judeus não se relacionam com os samaritanos” (Jo 4,9). Ainda mais desafiador foi citar o sacerdote e o levita como os primeiros personagens, pois eram muito respeitados na comunidade, mas nem sequer pararam para acudir o homem caído e ferido, seguindo adiante sem dar sinal algum de compaixão e misericórdia.



Segue a parábola: “Aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois colocou-o em seu próprio animal e o levou a uma pensão, onde cuidou dele” (Lc 10,34).

Continuando a parábola do bom samaritano, tem-se no seu próximo versículo: “*No dia seguinte, pegou dois denários e entregou-os ao dono da pensão, recomendando: Toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais*” (Lc 10,35).

Finalmente, Jesus termina a parábola devolvendo a pergunta ao doutor da lei: “*Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?*” Ele respondeu: “*Aquele que usou de misericórdia para com ele*”. Então Jesus lhe disse: “*Vai e faze tu a mesma coisa*” (Lc 10,36-37).

A parábola não conta que o samaritano não se apresentou ao coitado nem lhe pediu sua identificação, mas isso, na realidade, não importa nem é um obstáculo para a predisposição fraterna para ajudar prontamente alguém. A pessoa socorrida, até então considerada uma desconhecida, deixou de sê-la para quem se colocou como seu próximo: esse conheceu seu sofrimento e cuidou para atenuar as dores das feridas, usando óleo e vinho, adquirindo, por isso e de fato, uma intimidade significativa.

Para o contexto histórico e geográfico usado nessa parábola, tendo como personagem que manifestou o amor ao próximo um estrangeiro samaritano, Jesus amplia a categoria de “próximo” para além da circunscrição de família, uma etnia ou de compatriotas. Equivale a dizer que o amor ao próximo diz respeito à pessoa humana e não a um complemento à sua realidade⁹. Ainda mais, inclusive um inimigo deve ser considerado e amado, por quem lhe ajudar com espírito de sacrifício e com a sinceridade de propósito¹⁰. Aquele que está em sintonia com o amor providente de Deus irá amar sem esperar recompensa e enfrentará as adversidades e as hostilidades do mundo sem opor resistência e com espírito de sacrifício (Lc 6,28).

Ao incluir o inimigo no mandamento do amor ao próximo, Jesus superou a tradição judaica, que também pode ser verificada quando diz: “*Eu, porém, vos digo*”,¹¹ conforme se lê em:

“Ora, eu vos digo: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem! Assim vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus; pois ele faz nascer o seu sol



sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos. Se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os publicanos não fazem a mesma coisa? E se saudais somente os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa?” (Mt 5,44-47).

Essa parábola reflete a própria história da humanidade. Ainda que sempre tenham existido entre nós os muitos samaritanos solidários, que assumem para si a urgência dos marginalizados e tornam o cuidado desses o que de mais importante têm para fazer, também sempre houve os muitos que foram, e ainda são colocados à margem do caminho da civilização, incapazes de fazer seus sofrimentos serem denunciados ou sequer percebidos. Em contrapartida, muitos ficam presunçosos com a sensação do próprio poder, tornando-se insensíveis para um gesto de fraternidade que denote a importância que aqueles miseráveis deveriam suscitar.

2. A MISÉRIA

Na mensagem para a quaresma de 2014¹², o papa Francisco lembra que “a miséria não coincide com a pobreza em sentido evangélico; a miséria é a pobreza sem confiança, sem solidariedade, sem esperança”. Faz destaque a três tipos de miséria. A *miséria material*, habitualmente designada por pobreza, é própria de uma sociedade que não faz uma distribuição equitativa das suas riquezas. Aflige os que vivem privados dos direitos fundamentais e dos bens de primeira necessidade como o alimento, a água, saneamento público, o trabalho, e o crescimento cultural. A *miséria moral*, que consiste em tornar-se escravo do vício e do pecado, se refere às pessoas desiludidas com o sentido da vida, sem perspectivas de futuro e que perderam a esperança. Ocorre em pessoas subordinadas ao álcool, à droga, ao jogo ou à pornografia, ou ainda quando constrangidas por condições sociais injustas que lhes priva do trabalho e da possibilidade de prover o sustento de sua casa. À miséria moral está sempre vinculada a *miséria espiritual*. Essa pesa sobre as pessoas que se consideram auto-suficientes, afastando-se de Deus e recusando o seu amor. De fato, “muitas vezes é precisamente a ausência de Deus a raiz mais profunda do sofrimento”¹³. Frente a todas essas misérias,



somos interpelados pela nossa fé a seguir e imitar Jesus, que foi ao encontro dos abandonados à beira da estrada, dos marginalizados e dos pecadores, tal como o pastor que vai, cheio de amor, à procura da sua ovelha perdida.

Cada pessoa que partilha esse amor irradiante tem uma fé que a liberta do isolamento do “eu” e a aproxima fraternalmente das demais, levando-a a sentir-se como parte da família universal de Deus. De fato, o encontro com os irmãos é em si mesmo e como tal, o encontro com Deus. É um ato de identificação com toda a realidade do outro e dos demais. A solicitude amorosa suscitada do comprometimento com as pessoas abandonadas em seus próprios sofrimentos está implícita na fé cristológica no Deus que se fez pobre e enriquece o “bom samaritano” com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)¹⁴.

Assim, à imitação do Mestre, cada pessoa é chamada a ver a miséria alheia, a tocá-la, a ocupar-se dela e a trabalhar concretamente para aliviá-la. A riqueza de Deus passa sempre e apenas através da pobreza pessoal e comunitária, animada pelo Espírito de Cristo, que em cada época e lugar, salva os homens e o mundo por meio da Sua pobreza, que Se faz pobre nos Sacramentos, na Palavra e na sua Igreja, que é um povo de pobres.

Quando Jesus convida cada pessoa a assumir o seu «jugo suave» (cf. Mt 11,30), partilhando seu Espírito fraterno, interpela-a a se configurar como filho no Filho, irmão no Irmão Primogênito (cf. Rm 8,29). A pessoa configurada com Cristo fica encorajada a encontrar diversos caminhos de evangelização e promoção humana, testemunhando com seu trabalho a mensagem evangélica do amor do Pai misericordioso, pronto a abraçar em Cristo todos quantos vivem na miséria¹⁵.

3. O PRÓXIMO E O OUTRO

Na parábola, Jesus não responde diretamente à pergunta sobre quem é o próximo, mas critica o senso comum sobre a relação entre duas pessoas em condições desiguais, invertendo a hierarquia concêntrica baseada no “eu” para uma nova hierarquia, na qual o “tu” está no centro: não é “tu és o meu próximo”, mas “eu sou o próximo de ti”¹⁶.



A parábola do bom samaritano faz referência a uma pessoa que cumpre o mandamento do “amor ao próximo”, que não passa com indiferença diante do sofrimento de um outro. Ele viu, e moveu-se de compaixão e se aproximou do ferido, com solicitude pela miséria humana, oferecendo ajuda, motivado pela solidariedade fundamental, para além de qualquer cálculo¹⁷.

Assim como o samaritano dessa parábola foi o próximo do homem ferido, cada pessoa deve ser o próximo que é particularmente impulsionado a ser. Não se trata de esperar passivamente por um chamado de socorro, ou deter-se com curiosidade em apreciação abstrata (como fez o doutor da lei), pois as necessidades das pessoas são concretas e exigem respostas operativas, proporcionadas por pessoas sensíveis e atentas.

Essa abertura para o outro reflete a abertura de si próprio, não como se fosse um princípio, ou uma resposta sentimentalista, mas porque é, de fato, a vivência concreta do sofrimento humano alheio, transformando o amor em vontade e ação que tenta melhorar o futuro imediato dessa outra pessoa.

Tomar em si as dores do outro só se dá com “o abandono de si mesmo, resistindo à tentação de se agarrar às verdades particulares. É um ‘sim’ que deve ser confirmado todos os dias, sempre de novo, como a conquista pessoal de uma liberdade fundada na ‘verdade da cruz e da ressurreição’ e que sopra na pessoa como um ‘sim’ à vida maior, própria de Deus”¹⁸.

A eloquência da parábola do bom samaritano está em indicar que cada pessoa deve se sentir chamada, de maneira muito íntima, a testemunhar com gestos concretos o amor comovido quando constata o sofrimento alheio. Para isso, “o amor não se deve exercitar apenas nas coisas grandes, mas, antes, nas circunstâncias ordinárias da vida”¹⁹. Por isso, não se pode passar adiante, com indiferença; mas sim, por solidariedade humana fundamental e em nome do amor ao próximo, deve-se parar junto ao necessitado. Parar implica encontrar em si a disponibilidade, que “é como que o abrir-se de uma disposição interior do coração, que também tem a sua expressão emotiva”. O samaritano “chegou perto dele, viu, e moveu-se de compaixão”. A comoção e a compaixão transformam-se para ele num estímulo para as ações que tendem a prestar ajuda a uma pessoa em condição miserável. E nessa ajuda “põe todo o seu coração, sem poupar nada, nem sequer os meios materiais”²⁰.



O conceito comum de grandeza é assemelhado à uma imagem de majestade, de grandeza divina. Mas a grandeza, quando pode ser considerada assemelhada a de Deus, consiste em se curvar humildemente para servir, detendo-se diante do necessitado, despojando-se da postura ereta ou da “bengala” que pode mantê-lo erguido. A grandeza de Deus não deve ser associada ao sucesso, mas à paixão, e sua presença deve ser percebida como a do Pastor que vem na forma de cordeiro:²¹ Jesus deu seu exemplo de vida ao se aproximar dos desconsiderados: os doentes, as viúvas, as crianças, os pobres, as prostitutas, os pecadores, e também era “amigo de publicanos e de pecadores”. (cf. Mt 11,19)

Jesus assumiu para si, com amor comovido, o sofrimento humano. Dessa forma, sendo Ele considerado o paradigma da máxima humanidade possível, é seu exemplo que deve ser imitado. Deve-se reconhecer o rosto de Cristo na pessoa a quem se presta ajuda, a exemplo de como se pode perceber nesse samaritano anônimo o próprio Cristo. Dessa forma termina Cristo sua parábola: “Vai e faze tu a mesma coisa” (Lc 10, 37). Ou, analogamente, depois que Jesus lavou os pés de seus discípulos, disse-lhes: “Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós” (Jo 13,15).

Assim, a vontade de vencer uma estrutura de pecado só pode ser vencida com “a disponibilidade, em sentido evangélico, para ‘perder-se’ em benefício do próximo em vez de o explorar, e para ‘servi-lo’ em vez de o oprimir para proveito próprio”²².

É fácil trazer para a atualidade do mundo o ensinamento contido na atitude do bom samaritano. Muitos são esses “outros” que padecem tão duramente, mas não são favorecidos por um amor comovido: os desfigurados pela fome, consequência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais; os desiludidos pelos políticos que prometem, mas não cumprem; os humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada, quando não desprezada; os menores abandonados que caminham a esmo pelas ruas, aqueles que dormem sob as pontes; as mulheres humilhadas e desprezadas; os migrantes que não encontram acolhida digna; os envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho; os que tiveram sua liberdade roubada e mutilados pelo tráfico de pessoas e de órgãos; os que não têm o mínimo para sobreviver dignamente, e mais tantos outros²³.



4. INDIFERENÇA E VIOLÊNCIA

Observe-se que a parábola não censura os bandidos que machucaram o viajante desconhecido, mas deixa claro que eram criminosos. Jesus não a contou para denunciar a violência dos assaltantes ou daqueles que se ocupam de roubar e matar os indefesos desse mundo. Esses malfeitores já estão certamente condenados (diante de si próprios e diante dos outros) por sua conduta. Segundo o critério de Jesus, a correção do comportamento ético não está na observância austera dos preceitos religiosos, mas sim na sensibilidade humana diante do sofrimento. O perigo está naqueles que não percebem em si mesmos nada censurável; pior ainda quando se trata de pessoas que se consideram “observantes”, “piedosas”, “irrepreensíveis”. Por isso a parábola ousa ao fazer referência ao sacerdote e ao levita que viram o homem ferido no caminho, mas insensíveis ao sofrimento dele, desviaram pelo outro lado, seguindo adiante (cf. Lc 10,31-32).

Analogamente, a parábola do rico e o indigente Lázaro (cf. Lc 16,19-31), não menciona que o rico seja o responsável pela miséria ou pela enfermidade do pobre, mas que o deixou sentado no chão junto à porta de sua casa ali, com os cães lambendo-lhe as feridas. Mais uma vez, o Evangelho faz grave censura à indiferença de alguém, que estava em condições de atenuar a dor e a humilhação alheia, mas, sendo indiferente, violenta o coitado com sua insensibilidade²⁴.

Jesus de Nazaré se deu conta da gravidade da indiferença, que tem em si um forte germe de violência²⁵.

A mensagem messiânica de Cristo sobre o amor-misericórdia de Deus tem uma particular dimensão divino-humana, convocando as pessoas a se deixarem guiar na própria vida pelo amor e pela misericórdia, conforme é manifestado tanto pelos dois mandamentos, dos quais “dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22,40), como também na forma de bênção: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7).



Ao mesmo tempo, tornando-se para as pessoas o modelo do amor misericordioso para com os outros, Cristo proclama com obras, mais ainda do que com palavras, o apelo à misericórdia²⁶.

A exortação final da parábola do bom samaritano, “*Vai e faz tu a mesma coisa*” (Lc 10,37) deixa evidente a plena sintonia com a parábola do juízo final, narrada no Evangelho de Mateus, na qual Jesus esclarece que o amor é o critério definitivo para se ajuizar sobre o valor ou a inutilidade de uma determinada existência humana. Jesus se identifica com os marginalizados pela sociedade: “no mais pequenino encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus”²⁷. Dessa forma, o juízo de Deus leva em conta a indiferença e a falta de misericórdia que alguém pode manifestar diante do sofrimento alheio. Enquanto o bem se julga pelo que cada um fez, o mal, ao contrário, é avaliado em função do que cada um deixou de fazer a esses marginalizados²⁸.

CONCLUSÃO

A carta encíclica *Spe Salvi*²⁹, que Bento XVI escreveu em 2007 para tratar sobre a esperança cristã, apresenta as seguintes indagações: “O outro é suficientemente importante, para que por ele eu me torne uma pessoa que sofre? A promessa do amor é assim tão grande que justifique o dom de mim mesmo?”

Essas interpelações clamam pela caridade: “Amar Deus e amar teu próximo, como a ti mesmo” (Mt 22,37-39). A forma como cada pessoa, na sua intimidade, responde a essas perguntas determina a grandeza da humanidade. Na essência da resposta está o reconhecimento e o respeito pela dignidade de si próprio e de todas as outras pessoas.

Comover-se por amor é sofrer pelo outro e com o outro, com a intensidade capaz de fazer esse outro sentir-se consolado. O sim ao amor é também o sim ao sofrimento, pela própria renúncia de privilégios, pela angústia e pela compaixão. Ainda mais, para quem tem seu amor comprometido, dói não conseguir estar no coração do miserável, de tal forma que conseguisse sentir em si a mesma dor que o outro sente pelo tormento de sua miséria.



A miséria que provoca tanto sofrimento ao mundo, apesar de todos os recursos e das potencialidades postas à disposição do homem, é um problema grave de ordem moral. O pecado social é evidente quando uma parte da humanidade vive em condição de miséria, causada pelas estruturas de injustiças. Por isso, a superação das injustiças, especialmente das comunidades mais pobres, não depende apenas do modo de *fazer*, mas principalmente do modo de *ser* perante a vida.

É o ser da pessoa que melhor qualifica seu comprometimento para enfrentar as assimetrias sociais onde se observam injustiças, o que depende, por sua vez, que seus valores estejam fundamentados no amor a Deus e ao próximo. Estar comprometido com uma vida mais humana significa caminhar com o desejo de uma conversão das próprias atitudes, que determinam o alinhamento de cada pessoa naquilo que diz respeito a si mesmo e nas relações de justiça, fraternidade e solicitude com o próximo ou com a comunidade.

O espaço aberto intimamente para acolher e aconchegar o necessitado, semeia uma aliança que não é mais apenas entre eles, mas com Jesus Cristo. O coração generoso toca um necessitado, compreende e aceita seu contexto, a particularidade, a individualidade e a potencialidade desse, que, na realidade, não lhe é mais um estranho. Para dar um testemunho de fé, é preciso estar presente onde estão as lacunas, as falhas e a dor. “Viver o amor e, deste modo, fazer entrar a luz de Deus no mundo”³⁰, é um ato livre de entrega a Deus, tendo-O como fundamento e fonte da esperança.

Nesse sentido, a caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja³¹ e a síntese de todas as normas objetivas da moralidade. É necessário fundamentar-se na caridade para construir uma forma de vida na qual se privilegie a busca do verdadeiro, do belo e do bom.

É a partir desse comprometimento que as pessoas são impelidas a se comprometer com tarefas que as integram à construção do bem comum, o que vale dizer, à construção da “civilização do amor”.



BIBLIOGRAFIA

CASTILLO, José M. *A Ética de Cristo*. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2010.

BENTO XVI. *Carta encíclica Caritas in veritate*. São Paulo: Paulinas. 2009.

_____. *Carta encíclica Deus caritas est*. São Paulo: Paulinas. 3ª edição. 2006.

_____. *Carta encíclica Spe salvi*. São Paulo: Paulinas. 4ª edição, 2008.

_____. *Discurso na sessão inaugural dos trabalhos*. V Conferência geral do episcopado da América Latina e do Caribe, Santuário de Aparecida, 13 de maio de 2007.

_____. *Homilia de 20 de Março de 2008*. Basílica de São João de Latrão, 2008.

_____. *Sentido da Cruz – renúncia de si mesmo*. Homilia durante a XXIV Jornada Mundial da Juventude. 2009.

CANTALAMESSA, Raniero. *Ejercicios Espirituales para los responsables de la Diaconía Eclesial del Continente Americano*. Guadalajara, 2008.

CASTILLO, José M. *A Ética de Cristo*. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2010.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. São Paulo: Paulinas. 13ª edição. 2003.

FRANCISCO. *Mensagem para a Quaresma de 2014*.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A nascente do amor. *Atualidade Teológica*, Ano XIV n. 35, maio a agosto, 2010.

JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Dives in misericórdia*, 1980.

_____. *Carta encíclica Evangelium Vitae*. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles laici*. São Paulo: Paulinas, 1989.



_____. *Mensagem de aos povos da América latina e Caribe*. IV Conferência do Episcopado Latino Americano em Santo Domingo. Tradução oficial da CNBB, 7ª Edição, 1992.

_____. *Carta apostólica Salvifici doloris*. Santa Sé: Libreria Editrice Vaticana, 1984.

_____. *Carta encíclica Sollicitudo rei socialis*. São Paulo: Paulinas, 6ª edição, 1987.

_____. *Carta encíclica Veritatis Splendor*. São Paulo: Paulinas, 1993.

PONTIFÍCIA COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ. *La iglesia ante el racismo – para una sociedad más fraterna*. Vaticano, 1988.

* Mestrando em Teologia da PUC/SP.

¹ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Veritatis Splendor*, 1993, n. 14.

² _____. *Carta encíclica Dives in misericórdia*, 1980, n. 3.

³ CANTALAMESSA, Raniero. *Ejercicios Espirituales para los responsables de la Diaconía Eclesial del Continente Americano*, 2008.

⁴ JOÃO PAULO II. *Mensagem aos povos da América latina e Caribe*. IV Conferência do Episcopado Latino Americano em Santo Domingo, 1992.

⁵ JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles laici*, 1989, n. 53.

⁶ BENTO XVI. *Deus caritas est*, 2006, n. 25.

⁷ JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Salvifici doloris*, 1984, n. 30.

⁸ PONTIFÍCIA COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ. *La iglesia ante el racismo – para una sociedad más fraterna*, 1988, n. 21.

⁹ CANTALAMESSA, Raniero. *Ejercicios Espirituales para los responsables de la Diaconía Eclesial del Continente Americano*, 2008.

¹⁰ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Evangelium Vitae*, 1995, n. 41.

¹¹ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A nascente do amor. *Atualidade Teológica*, Ano XIV, 35(2010), p. 161.

¹² FRANCISCO. *Mensagem para a Quaresma de 2014*.

¹³ BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est*, 2006.

¹⁴ BENTO XVI. *Discurso na sessão inaugural dos trabalhos*. V Conferência geral do episcopado da América Latina e do Caribe, 2007, n. 3.

¹⁵ FRANCISCO. *Mensagem para a Quaresma de 2014*.

¹⁶ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A nascente do amor. *Atualidade Teológica*, Ano XIV, 35(2010), p. 161.

¹⁷ JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Salvifici doloris*, 1984, n. 28.

¹⁸ BENTO XVI. *Sentido da Cruz – renúncia de si mesmo*. Homilia durante a XXIV Jornada Mundial da Juventude, 2009.

¹⁹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, n. 38.

²⁰ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Salvifici doloris*, 1984, n. 28.

²¹ BENTO XVI. *Homilia de 20 de Março de 2008*. Basílica de São João de Latrão, 2008.

²² JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Sollicitudo rei socialis*, 1987, n. 38.

²³ FRANCISCO. *Mensagem para a Quaresma de 2014*.

²⁴ CASTILLO, José M. *A Ética de Cristo*, 2010.

²⁵ Ibidem.

²⁶ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Dives in misericórdia*, 1980, n. 3.

²⁷ BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est*, 2006, n. 15.



²⁸ CASTILLO, José M. *A Ética de Cristo*, 2010.

²⁹ BENTO XVI. *Carta encíclica Spe salvi*, 2008, n. 39.

³⁰ BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est*, 2006, n. 39.

³¹ BENTO XVI. *Carta encíclica Caritas in veritate*, 2009, n. 2.